

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 30 • 2022



Editor científico: João Luís Cardoso

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2022

Estudos Arqueológicos de Oeiras é uma revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional e internacional, a publicação de estudos de arqueologia da Estremadura em geral e do concelho de Oeiras em particular, sem prejuízo daqueles que possam valorizar o conhecimento das antiguidades oeirenses, para além de contributos sobre a História da Arqueologia e de comunicações apresentadas a reuniões científicas organizadas pelo Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras/Câmara Municipal de Oeiras.

Possui um Conselho Assessor do Editor Científico, assim constituído:

- Dr. Luís Raposo (Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa)
- Professor Doutor Nuno Bicho (Universidade do Algarve)
- Professor Doutor Alfredo Mederos Martín (Universidade Autónoma de Madrid)
- Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid)
- Professora Doutora Raquel Vilaça (Universidade de Coimbra)
- Professor Doutor Jorge de Oliveira (Universidade de Évora)

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 30 • 2022 ISSN: 0872-6086

EDITOR CIENTÍFICO – João Luís Cardoso
DESENHO E FOTOGRAFIA – Autores ou fontes assinaladas
PRODUÇÃO – Gabinete de Comunicação / CMO
CORRESPONDÊNCIA – Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras
Fábrica da Pólvora de Barcarena
Estrada das Fontainhas
2745-615 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.
É expressamente proibida a reprodução de quaisquer imagens sobre as quais existam direitos de autor sem o prévio consentimento dos signatários dos artigos respectivos.

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS – João Luís Cardoso e Autores

PAGINAÇÃO – César Antunes

IMPRESSÃO E ACABAMENTO – Grificamares, Lda. - Amares - Tel. 253 992 735

DEPÓSITO LEGAL: 97312/96

**OS ENIGMÁTICOS “BÁCULOS” DE XISTO PRÉ-HISTÓRICOS:
A PROPÓSITO DE UM EXEMPLAR DA LAPA DA GALINHA (ALCANENA)**

***THE ENIGMATIC PREHISTORIC SCHIST “CROZIER”:
ABOUT A PIECE FROM LAPA DA GALINHA (ALCANENA)***

João Luís Cardoso¹

Summary

Regarding the “crozier” collected at the beginning of the 20th century in Lapa da Galinha (Alcanena) which, due to its unique morphology, was valued by Manuel Heleno in the perspective of such similar pieces symbolically representing the polished stone axe, this and other alternatives are discussed, making comparisons with the known specimens, object of recent inventory work carried out by the author. It was concluded that the geographical distribution of these pieces is limited almost exclusively to the Portuguese territory and, especially, to Alto-Alentejo region, associated with the funerary megalithic monuments that exists there. Four distinct groups were identified and characterized, based on the typology of the decorative patterns and their organization. With the exception of the few specimens from the Atlantic domain, with particularities that are identified and described in this paper, the rest of the specimens are almost exclusively decorated on one side, which corresponds to the orientation of the “head” of the “crozier” to the left. This regularity was for the first time duly valued within the scope of the functional use of the prototypes, represented by these votive productions.

Keywords: “crozier”; morphology; typology; functionality; rituals; funerary megalithism; Portugal.

1 - INTRODUÇÃO E OBJECTIVOS

O Prof. Doutor António Augusto Mendes Corrêa, ilustre antropólogo e arqueólogo, Catedrático da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto e director por muitos anos do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, sediado naquela Faculdade, que tão grandes serviços prestou à Arqueologia portuguesa, possuía, com José Relvas, o proclamador da República nos Paços do Concelho, em Lisboa, na manhã do dia 5 de Outubro de 1910, e proprietário da Quinta dos Patudos, em Alpiarça, ligações de parentesco por afinidade. Daí as suas investigações dedicadas à arqueologia da região de Santarém, de que resultaram diversas publicações respeitantes a estações arqueológicas da região, entre as quais a que respeita aos espólios que serviram de ponto de partida e de justificação para o presente estudo.

¹ Universidade Aberta (Lisboa). Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras). ICAREHB (Universidade do Algarve). cardoso18@netvisao.pt

Em 1928, o Prof. Mendes Corrêa declarava o seguinte (CORRÊA, 1928, p. 172):

“Dans la Musée du district de Santarem, en janvier 1926, j’ai examiné quatre plaques-idoles en schiste, qui appartiennent aux types bien connus du Portugal et de l’Espagne du sud-ouest. Deux sont en trapèze (Fig. 8) et deux autres sont brisées (Fig. 9 et 10) mais elles se montrent apparentées au type recourbé en crosse.” (Fig. 1).

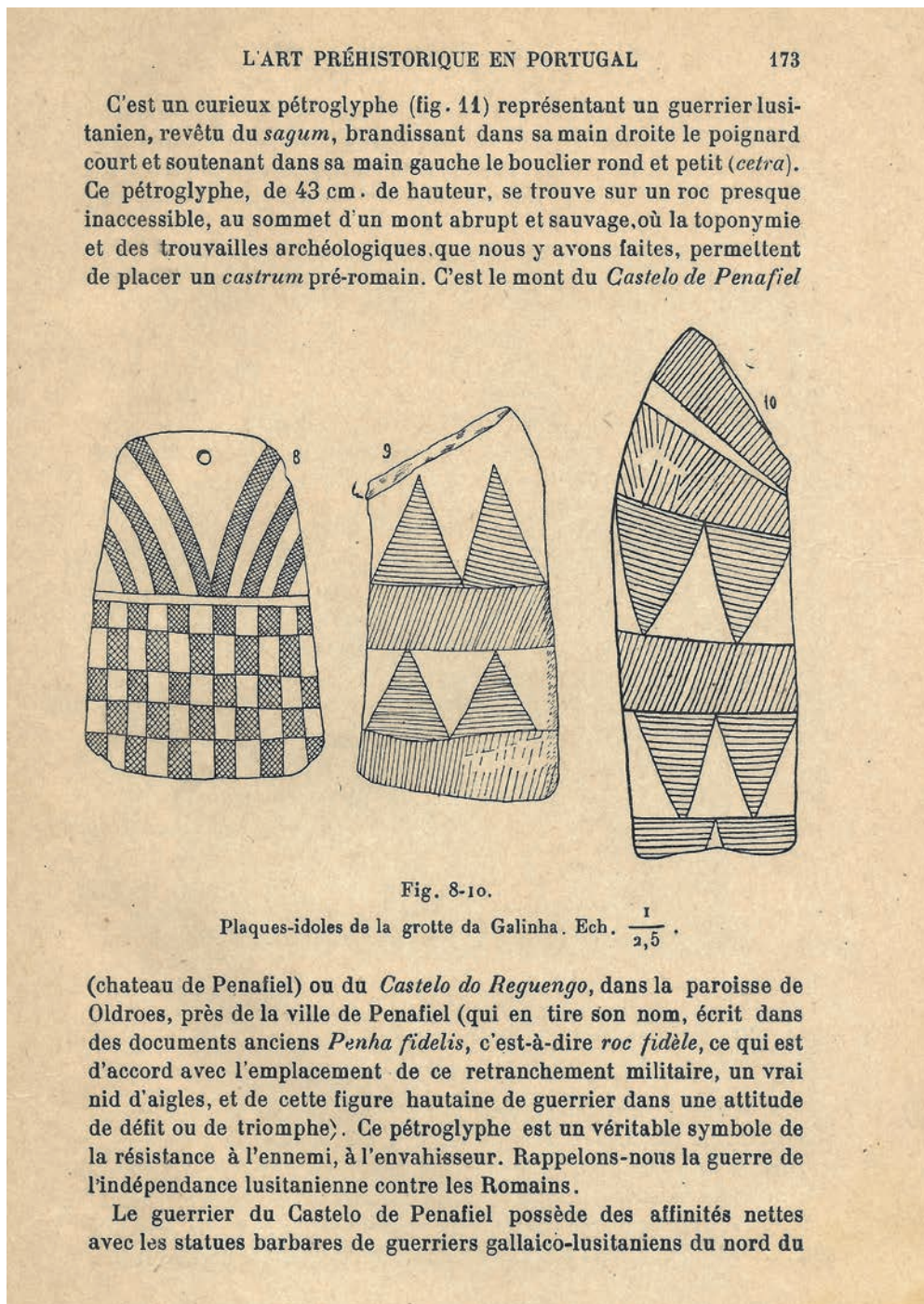


Fig. 1 - Reprodução de página do artigo de A. A. Mendes Corrêa publicado na “Rêvue Anthropologique”, Paris, 1928, p. 169-176.

São exactamente estes dois exemplares fracturados, não devidamente identificados por Mendes Corrêa, que o presente estudo tomará como ponto de partida.

Na verdade, os dois fragmentos observados por Mendes Corrêa no Museu de Santarém na década de 1920, provenientes da Lapa da Galinha (Alcanena), correspondem a um único exemplar de contorno recurvado, conforme foi notado anos depois por Manuel Heleno (HELENO, 1942, p. 462) (Fig. 2, à esquerda) em comunicação apresentada a 8 de Agosto de 1937 ao Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia na qual, referindo-se a este exemplar, declara: “A chave para a interpretação desses objectos, considerados um enigma, encontrava-se à vista de todos, desde 1923, no Museu de Santarém, e, o que é mais curioso, os fragmentos do protótipo que permitiu essa interpretação foram publicados em revistas estrangeiras (“Revue Anthropologique”, etc.) pelo sr. Professor Mendes Correia, do Pôrto, como peças independentes e sem notar a sua grande importância”.

Esta última observação, claramente depreciativa, relaciona-se com o conflito científico e de interesses existente entre os dois únicos catedráticos – um da Universidade do Porto, o outro da Universidade de Lisboa – que, à época, se dedicavam, em Portugal, à prática da Arqueologia pré-histórica (CARDOSO, 2011).

Prosseguindo, Manuel Heleno refere, naquele seu estudo de 1942, o seguinte (op. cit., p. 462, 463): “A solução encontrámo-la na primeira visita que fizemos ao Museu de Santarém”, pois ao reunir os dois fragmentos encontrou-se “em presença duma representação de um machado encabado (...). A sua comparação com os machados empunhados em pinturas rupestres (...) da Península, com gravuras dos megálitos da Bretanha, convencerá os mais exigentes”.

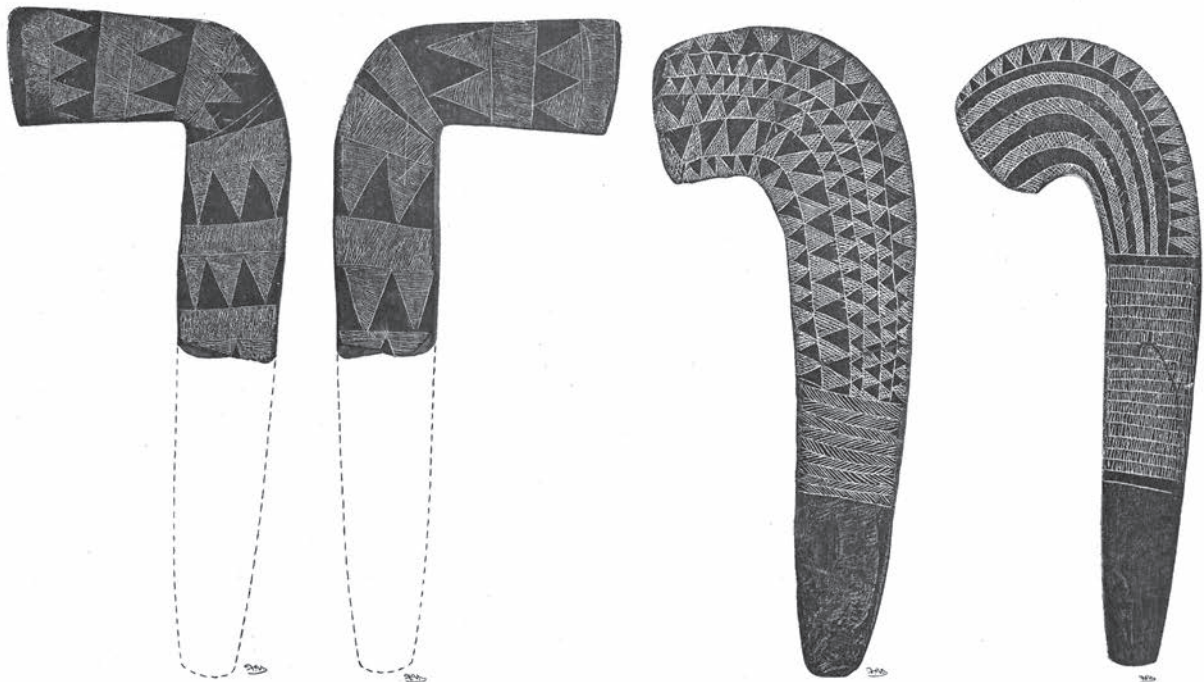


Fig. 2 – Registo dos “báculos” seleccionados por Manuel Heleno para ilustrar a evolução dos mesmos, a partir da representação mais explícita e realista do machado encabado, corporizada pelo exemplar da Lapa da Galinha (à esquerda) até aos exemplares mais estilizados, ao centro, da Anta 4.º dos Gualões, Arraiolos e à direita da Anta Grande da Lobeira de Baixo, Montemor-o-Novo, encontrado sobre o esterno do inumado (HELENO, 1942, Figs. 4 a 7).

Desta forma, para Manuel Heleno, as placas de xisto encurvadas seriam sem qualquer margem de dúvida a representação simbólica de machados, devendo serem designadas por “machados-placas”. Terminou a sua comunicação, agradecendo à Câmara Municipal de Santarem a cedência dos dois fragmentos para o Museu Etnológico, actualmente Museu Nacional de Arqueologia, sob sua direcção, onde ainda hoje se encontram.

Este estudo discutirá esta hipótese e as alternativas possíveis, com base no recurso à análise comparada com outras evidências arqueológicas.

2 – CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

A Lapa da Galinha é uma cavidade natural perto da povoação de Vila Moreira, do concelho de Alcanena, aberta nos calcários do Miocénico superior: “calcários de Santarém e Almoester”, segundo a CGP à escala de 1/50 000 – folha 27 C (MANUPELLA et al., 2006). A sua exploração arqueológica meticulosa em 1908, envolvendo recursos técnicos e logísticos à época pouco frequentes, como a utilização de um sistema de vagonetes deslocadas manualmente e registos de campo a cargo de um desenhador especializado desenrolou-se sob a égide do Museu Etnológico Português, com a orientação de Félix Alves Pereira, cabendo a execução dos trabalhos a José de Almeida Carvalhais (COITO, CARDOSO & MARTINS, 2008, p. 151). A escavação, iniciada em finais de Junho ou inícios de Julho de 1908, só foi terminada em Outubro, dela se publicando na altura apenas pequena nota em “O Arqueólogo Português”, da autoria do responsável pela intervenção (PEREIRA, 1908). Nela, o então Conservador do Museu declara que a mesma constituía uma verdadeira necrópole, tendo a sua exploração, pela exigência que requereu, exaurido José da Almeida Carvalhais, que adoeceu gravemente; nesta notícia, de apenas meia página, prometia-se a publicação de desenvolvido estudo, documentado com fotografias, que efectivamente foram realizadas, e plantas, o qual, porém, jamais foi publicado, tal como as respectivas plantas que, a terem existido, presentemente se desconhecem. Importa, contudo, sublinhar a importante notícia publicada logo no ano seguinte à da exploração na revista “A Ilustração Portuguesa” (TORRES, 1909, p. 789-794) na qual se publicaram importantes fotografias obtidas no decurso dos trabalhos então em curso de realização (Fig. 3).

Foi apenas em 1958 que os espólios da Lapa da Galinha mereceram uma primeira atenção, tendo sido então descritas as suas principais características, bem como as condições de jazida no depósito funerário, constituído por pelo menos 61 conjuntos, designados por sepulturas, identificados no decurso das escavações, realizadas por camadas. Assim se conseguiu assegurar a associação dos restos osteológicos às respectivas oferendas funerárias (SÁ, 1959, p. 118), situação que bem evidencia a qualidade com que os trabalhos foram realizados. Da análise do espólio então publicado pode concluir-se que a ocupação funerária da gruta remonta essencialmente ao Neolítico Final, conclusão que Manuel Heleno já tinha valorizado, ao sublinhar a abundância de pontas de seta de base triangular, pedunculada ou convexa, a par de abundantes geométricos, realidade que não foi substancialmente alterada pelo recente revisão efectuada dos referidos materiais (KALKER, 2020).

3 – DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Tendo presente a distribuição geográfica dos exemplares em contorno recortado que são usualmente, mas incorrectamente, designados por “báculos”, como adiante se verá, verifica-se que estes, ao contrário dos seus congéneres rupestres, possuem uma distribuição geográfica circunscrita ao território português

um desenho, nem o levou a um museu onde pudesse vêr aquelles objectos encontrados em escavações nos diferentes pontos do paiz.

E' principalmente na archeologia que se teem encontrado os maiores elementos para o estudo das idades prehistoricas. Ha bem pouco tempo um engenheiro americano, archeologo distinctissimo, Edgard Baulles, depois de innumeradas difficuldades, em escavações successivas, conseguiu descobrir a cidade de Bismya, que se crê ser a mais antiga do mundo e que, segundo muitos dos dados encontrados, é anterior ao anno 4750 antes de Christo.

No estrangeiro dedica-se á archeologia uma attenção especialissima, gastando

com ella os governos importantes verbas annuaes. As epochas antigas, os seus costumes, as suas construcções,

são-lhe um estudo caro. Qualquer estrangeiro que venha a Portugal procura sempre vêr os Jeronymos e a Batalha, tomando todos os apontamentos possiveis. No anno passado vimos n'uma grande illustração estrangeira uma perfeita photographia da capella mór da igreja de Alcobaca, que em Portugal quasi se desconhece.

Para a sua archeologia o governo portuguez dispende uma quantia insignificantissima, tendo só um museu, com o pomposo titulo de *Museu Ethnologico Portuguez*, que está installado n'uma das alas do mosteiro dos Jeronymos, e que é dirigido pelos srs. J. Leite de Vasconcellos e Felix Pereira. E' n'elle que estão os productos das explorações feitas pelo



1—A entrada da gruta no começo da exploração
2—Interior da gruta

e, neste, especialmente ao Alentejo, podendo identificar-se diversas áreas com maior concentração de exemplares (Fig. 4): a região centro e oeste-alentejana, correspondendo aos concelhos de Évora, Montemor-o-Novo e Arraiolos; um núcleo muito circunscrito, na região de Elvas; e um outro, correspondente à de Reguengos de Monsaraz, estendendo-se ao nordeste alentejano; finalmente, na região atlântica, recolheram-se os exemplares mais heterogêneos e dispersos. Apenas se compulsaram dois exemplares fora destes limites geográficos, um proveniente de um sepulcro de El Pozuelo, Huelva, e um outro de Los Millares 17, Almería (CARDOSO, 2021).

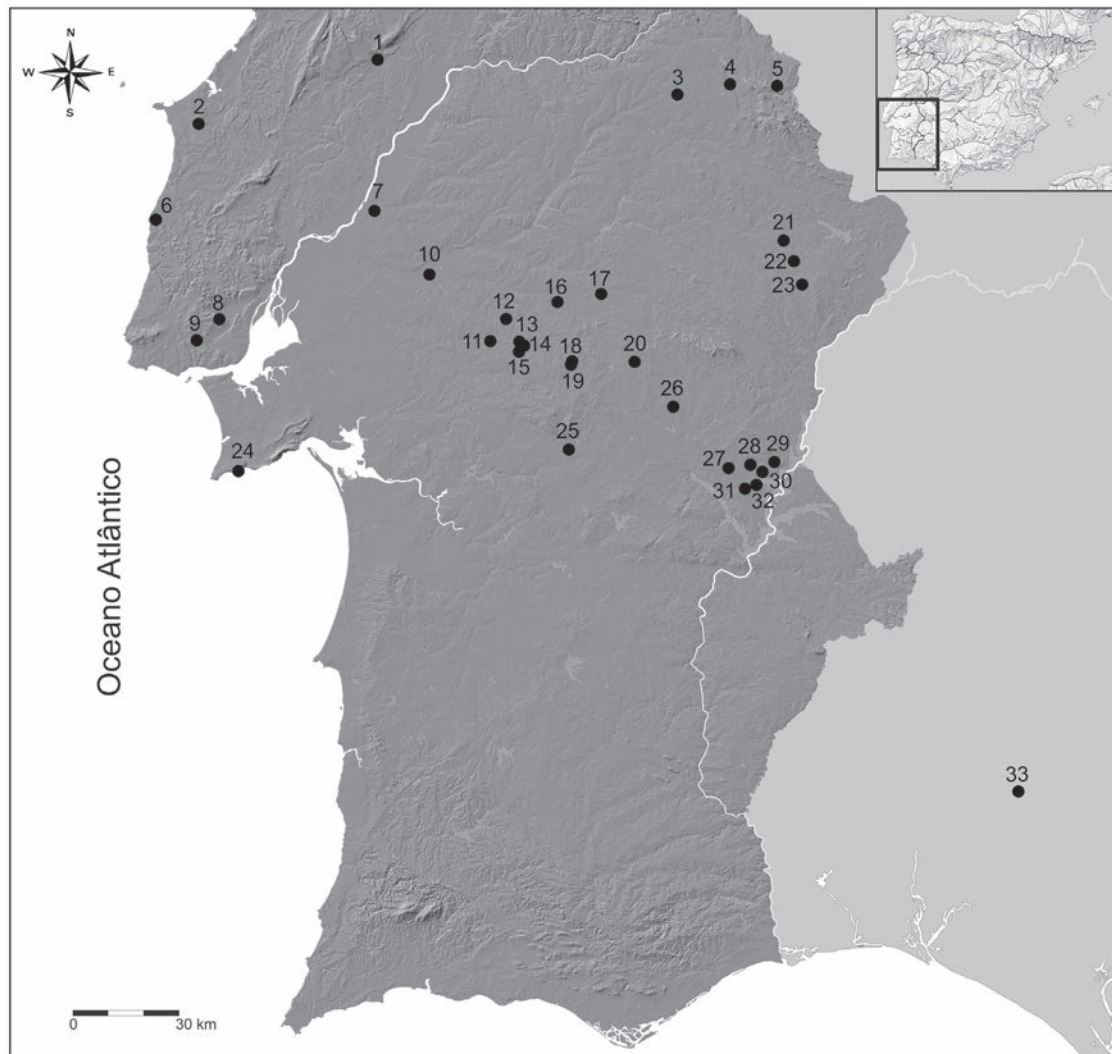


Fig. 4 – Distribuição geográfica dos principais “báculos” inventariados no território português. O n.º 1 corresponde aos dois exemplares da Lapa da Galinha (Alcanena) (CARDOSO, 2021, Fig. 5); 2 – Casa da Moura (Óbidos); 3 – Anta do Couto dos Enxares (Crato); 4 – Anta do Alcolgulo 3 (Castelo de Vide) ; 5 – Anta da Marquesa (Marvão); 6 – Gruta da Cova da Moura (Torres Vedras); 7 – Martim Afonso (Salvaterra de Magos); 8 – Gruta do Correio-Mor (Loures); 9 – Anta da Estria (Sintra); 10 – Monte da Barca (Coruche); 11 – Lobeira de Baixo 3 (Montemor-o-Novo, Évora); 12 – Anta Sul de Vale de Gato (Coruche); 13 – Anta a Oeste do Vale das Antas (Montemor-o-Novo); 14 – Anta Grande da Comenda da Igreja (Montemor-o-Novo); 15 – Anta da Velada (Montemor-o-Novo); 16 – Brissos 6 (Mora); 17 – Caeira 7 (Arraiolos); 18 – Anta 1 ou Anta 4 dos Gualões (Arraiolos); 19 – Anta 4 Gualões (Arraiolos, Évora); 20 – Anta 3 da Herdade das Antas (Montemor-o-Novo); 21 – Boudanha (Monforte); 22 – Horta Velha do Reguengo (Elvas, Portalegre); 23 – Jazigo de Alcarapinha; 24 – Lapa do Fumo (Sesimbra); 25 – Anta de Vale de Rodrigo (Évora); 26 – Anta 2 da Loba (Évora); 27 – Monumento 2 dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz); 28 – Anta da Herdade do Duque (Corval, Reguengos de Monsaraz); 29 – Anta 1 do Olival da Pega (Reguengos de Monsaraz); 30 – Comenda 2 e tholos da Comenda (Reguengos de Monsaraz, Évora); 31 – Cebolinho 1 (Reguengos de Monsaraz, Évora); 32 – Anta 1 da Herdade do Passo (Reguengos de Monsaraz); 33 – El Pozuelo 3 (Huelva, Espanha), Fig. 7, n.º 4; 34 - Los Millares 17 (Almeria) (fora da figura). O báculo de marfim do Monumento 2 dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz) não se encontra assinalado.

4 - TIPOLOGIA

A tipologia para descrever estas peças pode considerar diversos atributos, relativos ao tamanho e às matérias-primas.

Verifica-se que é na Estremadura que se observam as maiores variações, com exemplares de xisto (oriundos do Alentejo), e de arenito e de osso, sendo estes fabricados localmente. A matéria-prima não pode ser desligada dos aspectos decorativos, já que dois dos quatro exemplares lisos provêm desta região: trata-se do “báculo” de arenito da gruta do Correio-Mor, Loures (CARDOSO, 2003, Fig. 32, n.º 9) e o de osso, da gruta da Casa da Moura, Torres Vedras, sendo este o menor exemplar conhecido (SPINDLER, 1981, Tf. 23, n.º 358). No Alentejo, todas as peças são de xisto e apenas uma se apresenta lisa, proveniente da Anta Grande do Olival da Pega, Reguengos de Monsaraz (LEISNER & LEISNER, 1959, Tf. 40, n.º 1). As diferenças de tamanho são em geral pouco relevantes, embora acentuadas nos casos dos exemplares miniaturais, como os dois exemplares da anta 1 da Herdade do Passo, Reguengos de Monsaraz (LEISNER & LEISNER, 1959, Tf. 39, 4), ambos decorados. A estes juntam-se dois exemplares lisos, um do depósito de Alcarapinha, Elvas (LEISNER & LEISNER, 1959, Tf. 11, 1) e outro, já fora do território português, recolhido na sepultura megalítica de El Pozuelo 3, Huelva (LEISNER & LEISNER, 1959, Tf. 48, 3). Enfim, também de pequenas dimensões e liso, possuindo bordos bujardados, é o exemplar recolhido no *tholos* Los Millares 17 (LEISNER & LEISNER, 1943, Tf. 19, 1, 11), de cronologia seguramente calcolítica.

Os exemplares miniaturais correspondem a um grupo particularmente expressivo, porque, excepto o de osso da gruta da Casa da Moura, possuem um furo de suspensão na base, indicando a sua utilização como pendentes ou amuletos constituindo assim peças apotropaicas. Esta realidade deve ser valorizada, no quadro da discussão da finalidade destas peças (Fig. 5). Caso excepcional é o exemplar do monumento 2 dos Perdigões, Reguengos de Monsaraz, igualmente de dimensões modestas, o único que é de marfim, exibindo decoração afim de certos padrões de recipientes calcolíticos (VALERA, 2020). Na verdade, é a única ocorrência seguramente calcolítica de todas as conhecidas em território português (Fig. 6).

Em suma, para além dos seis exemplares lisos, de dimensões e natureza muito distintas, os restantes constituem conjunto globalmente homogêneo no que respeita à natureza da matéria-prima, forma geral e dimensões embora, quando observados com mais pormenor, exibam assinaláveis diferenças, no respeitante à forma e dimensões.



Fig. 5 – Báculos miniaturais utilizados como pendentes, com significado apotropaico. Anta 1 do Passo, Reguengos de Monsaraz (LEISNER & LEISNER, 1951, Fig. 62, n.ºs 1 e 2).

5 - DECORAÇÃO

Os “báculos” decorados são todos de xisto (exceptuando-se o exemplar de marfim do Monumento 2 dos Perdigões, acima referido) e possuem, dentro de uma aparente uniformidade, diferenças recorrentes no respeitante aos padrões decorativos e sua organização. Sublinha-se, em primeiro lugar, que todos os “báculos” alentejanos decorados exibem apenas decoração numa única face, exceptuando-se um exemplar incompleto decorado nas duas faces, proveniente da anta da Horta Velha do Reguengo, Elvas (LEISNER & LEISNER, 1959, Tf. 9, 6). A face decorada corresponde sempre àquela que exhibe a “cabeça” do “báculo” voltada para a esquerda, constituindo assim uma constante cujo significado se relaciona com a própria forma como estas peças – e os seus protótipos funcionais – eram manipuladas, como adiante se verá.

No tocante aos padrões decorativos e sua organização, foram identificados, em estudo anterior, dois grupos principais (LILLIOS, 2008), que agora se retomam, com ligeiras modificações descritivas introduzidas em estudo mais recente (CARDOSO, 2021):

Grupo 1 – um primeiro grupo é constituído pelos exemplares em que parte ou a totalidade do corpo da peça é decorada predominantemente por triângulos isósceles, preenchidos interiormente por reticulados com os vértices apontados para cima ou para o lado direito, dispostos em faixas transversais ou longitudinais. Dois bons exemplos deste grupo correspondem, respectivamente, aos exemplares recolhidos na Anta da Marquesa (Marvão) (LEISNER & LEISNER, 1959, Tf. 4, 5, n.º 12) e na anta 1 ou 4 dos Gualões (Arraiolos) (LEISNER & LEISNER, 1959, Tf. 29, n.º 27; HELENO, 1942, Fig. 6) (Fig. 2, ao centro);

Grupo 2 – um segundo grupo integra os exemplares que ostentam bandas contínuas longitudinais preenchidas interiormente por reticulado, na maior parte ou na totalidade do seu comprimento, acompanhando o desenvolvimento da curvatura das peças, associadas a banda de triângulos que se desenvolve ao longo do bordo convexo, que eventualmente podem ser interpretadas como a representação de lâminas ou pontas de sílex encastoadas nos protótipos funcionais (ver capítulo seguinte). Um bom exemplar deste grupo provém da anta 6 de Brissos, Mora (LEISNER & LEISNER, 1959, Tf. 22, 1, 34) e um outro da Anta Grande da Lobeira de Baixo, Montemor-o-Novo (HELENO, 1942, Fig. 7) (Fig. 2, à direita).



Fig. 6 – “Báculo” de marfim do Monumento 2 dos Perdigões. Foto Programa Global de Investigação Arqueológica dos Perdigões/Era Arqueologia. Por deferência de António Valera.

A estes dois grupos, que abarcam a larga maioria dos exemplares, soma-se um terceiro grupo (CARDOSO, 2021), com escassa representação:

Grupo 3 – “báculos” decorados com “chevrons” ou espinhados longitudinais ou transversais, representados pelos recolhidos, respectivamente, na Anta Grande da Comenda da Igreja, Montemor-o-Novo (LEISNER & LEISNER, 1959, Tf. 27, 1, 79) e no depósito do Monte da Barca, Coruche (VICENTE et al 1974, Est. 13, n.º 2) (Fig. 7).

Admitindo que os báculos miniaturais representam um conjunto especial, como acima se referiu, importa atender às particularidades evidenciadas pelos quatro exemplares do domínio atlântico, que justificam a constituição de um quarto grupo:

Grupo 4 – “báculos” que integram exemplares com decorações “mistas”, corporizados pelos quatro exemplares conhecidos, de sítios situados entre o Tejo e o Oceano Atlântico. O primeiro exemplar, muito incompleto, proveniente da Lapa da Galinha, foi já publicado (SÁ, 1959, Fig. 10, n.º 2). No entanto, a fotografia publicada pela autora, pela sua má qualidade, impediu perceber as características da decoração da peça, e mesmo a sua atribuição segura a um “báculo”, em sintonia com a incerteza também manifestada anteriormente em relação à classificação deste exemplar (GONÇALVES, 2014, p. 125). A dificuldade da sua observação directa, impediu



Fig. 7 – “Báculo” do Monte da Barca, Coruche, pertencente ao Grupo 3 da classificação do autor (VICENTE; ANDRADE & DIAS, 1974, Fig. 13, n.º 2). Desenho de B. L. Ferreira.

a confirmação da sua classificação segura, razão pela qual não foi considerada no estudo anteriormente publicado (CARDOSO, 2021). No âmbito da preparação deste trabalho, considerou-se importante proceder à observação directa deste exemplar, o que foi conseguido mediante a intervenção do Prof. Doutor Martinho Vicente Rodrigues, Director do Centro de Investigação Joaquim Veríssimo Serrão e a disponibilidade encontrada junto do Dr. António Matias, arqueólogo da Câmara Municipal de Santarém e responsável pelo respectivo Museu, em cujas reservas a mesma se conserva.

A sua observação evidenciou tratar-se de um exemplar “misto”, integrando cânones decorativos dos grupos 1 e 2, justificando-se assim a sua integração neste 4.º e último grupo em que se repartiram as decorações patentes nestas peças: a partir de um eixo de simetria axial, correspondente a duas bandas, uma preenchida interiormente, outra não preenchida, que percorrem longitudinalmente toda parte central da peça, a única que se conserva, desenvolveram-se, para cada um dos lados, duas bandas longitudinais constituídas por triângulos cujos vértices se orientam para ambos os bordos laterais, alternadas por outras tantas faixas longitudinais, preenchidas ou não, a que se sucedem duas bandas longitudinais marginais preenchidas igualmente por triângulos semelhantes aos anteriores (Fig. 8, n.º 2; Fig. 9, n.º 1). Trata-se de exemplar sem paralelos alentejanos, embora o facto de a outra face se apresentar lisa, o associar àquelas produções, já que os restantes três “báculos” conhecidos no domínio atlântico, são caracterizados, precisamente, por possuírem decorações nas duas faces.

Esta situação obrigava à análise detalhada dos motivos decorativos exibidos por estes três exemplares, no sentido de se identificarem outras evidências na sua gramática decorativa que sugerisse a aplicação de cânones locais. Com efeito, tal exercício confirmou as particularidades aludidas.

O “báculo” da gruta da Casa da Moura, Óbidos (CARREIRA & CARDOSO, 2000/2001, Fig. 58) é, a este respeito de interesse excepcional, pelas informações fornecidas (Fig. 8, n.º 4; Fig. 10). Trata-se de um exemplar em que a face principal, correspondente àquela em que a “cabeça” do “báculo” se encontra voltada à esquerda se apresenta decorada com padrões clássicos do Grupo 2, que em nada o distinguem dos seus congéneres alentejanos. Ao contrário, a face oposta exhibe uma decoração inacabada (sendo o único exemplar em que tal se observa), segundo modelo decorativo desconhecido no Alentejo. Com efeito, na parte central desta observa-se faixa longitudinal preenchida interiormente por uma associação exótica de zigue-zagues e triângulos em diversas posições, uns preenchidos, outros não; trata-se de reinterpretação local inacabada. A mesma situação evidencia-se na fixa marginal de triângulos que acompanha o bordo côncavo, os quais não se apresentam preenchidos, ao contrário do observado no bordo oposto, indicando que o trabalho não foi concluído, apesar de a peça ter sido utilizada como oferenda votiva. Este exemplar possui ainda a particularidade de possuir, na extremidade proximal, três perfurações concluídas e a tentativa de execução de mais duas, a partir de ambas as faces, também inacabadas, provavelmente destinadas à fixação de penachos decorativos feitos de materiais perecíveis.

O exemplar recolhido no dólmen de Estria, Sintra (LEISNER, 1965, Tf. 57, 3) possui igualmente características particulares (Fig. 8, n.º 3; Fig. 9, n.º 2). Assim, a face principal, correspondente à posição da “cabeça” voltada para a esquerda, é ocupada por dois padrões decorativos distintos, cada um deles ocupando sensivelmente metade desta face, separados por linha transversal incisa que se inscrevem nos exemplares do Grupo 3, com a particularidade de aqui ocorrerem associados. Trata-se do padrão em espinhado, que corresponde à metade distal e do padrão em “chevrons”, que ocupa a metade sua proximal. Porém, tal associação, embora única, não obstava a uma origem alentejana. Já a face oposta exhibe o que parece ser uma reinterpretação das decorações em espinhado, organizadas por barras transversais ao longo do corpo do exemplar, também com

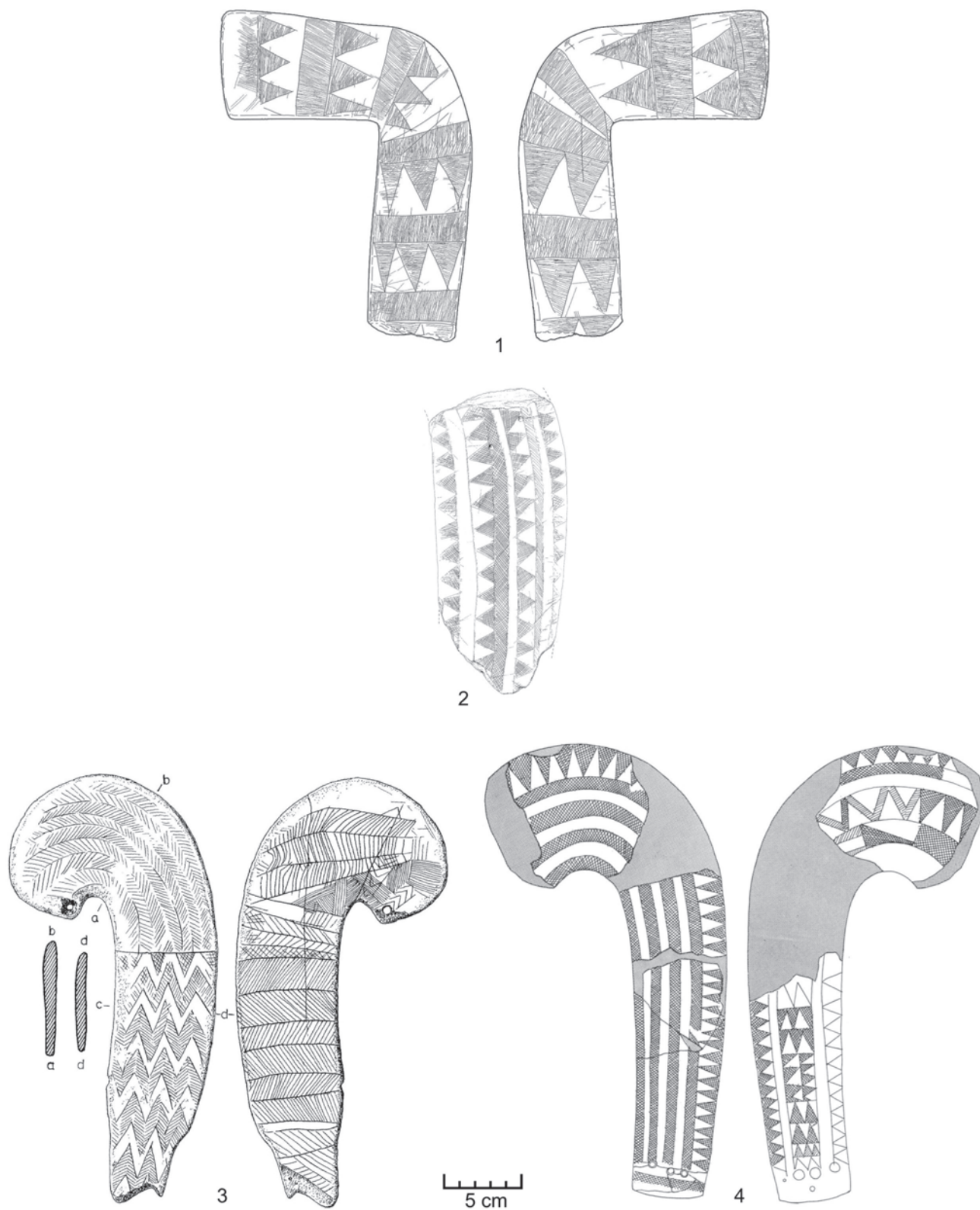


Fig. 8 – “Báculos” do domínio atlântico, Grupo 4 da classificação do autor. 1 e 2 – da Lapa da Galinha (Alcanena); 3 – do dólmen da Estria (Sintra); 4 – da Casa da Moura (Óbidos). 1, seg. HELENO, 1942, Fig. 4 e 5, mod.; 2, desenho inédito, de F. Martins; 3, seg. LEISNER, 1965, Tf. 57, n.º 3); 4, seg. CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, Fig. 58).



Fig. 9 - “Báculos” do domínio atlântico, Grupo 4 da classificação do autor. 1 - da Lapa da Galinha (Alcanena);
2 - do dólmen da Estria (Sintra). Fotos de J. L. Cardoso.



Fig. 10 - "Báculo" do domínio atlântico, Grupo 4 da classificação do autor, da gruta da Casa da Moura (Óbidos).
Fotos de J. L. Cardoso.

equivalente em raros exemplares alentejanos como um fragmento oriundo da Anta Grande da Comenda da Igreja (LEISNER & LEISNER, 1959, Tf. 27, 1, 82). No entanto, na área correspondente à “cabeça” do “báculo”, tal padrão desenvolve-se de forma desorganizada, reflectindo a dificuldade do gravador em preencher com equilíbrio e regularidade o campo curvilíneo a decorar, sugerindo um produto local, em nada comparável às produções alentejanas, onde a regularidade dos padrões decorativos é evidente.

Enfim, o terceiro exemplar corresponde ao exemplar da Lapa da Galinha, que esteve na origem deste estudo (Fig. 2, à esquerda; Fig. 8, n.º 1). Neste caso, ambas as faces exibem padrões decorativos semelhantes, constituídos por triângulos invertidos apoiados em barras igualmente preenchidas interiormente, que se dispõem transversalmente ao corpo do exemplar, particularidade decorativa que não se enquadra em nenhum dos grupos alentejanos anteriormente considerados (HELENO, 1942, Fig. 4 e 5). Dada a homogeneidade decorativa observada, é o único exemplar que se afigura plausível que corresponda a decoração executada de uma única vez, de cunho regional, conclusão reforçada pelas características únicas do suporte, que não se confunde com nenhum dos exemplares alentejanos. Com efeito, ao contrário destes, a parte superior, correspondente à “cabeça”, que faz ângulo recto com o “cabo”, enquanto nas produções alentejanas, ao cabo sucede-se, em perfeita continuidade, uma “cabeça” acentuadamente curvilínea. Foi esta realidade que foi valorizada por Manuel Heleno na atribuição deste exemplar à representação do machado encabado, por ele considerado como o protótipo desta série de produções, com expressão quase exclusivamente limitada ao território português.

Em conclusão, o acentuado particularismo decorativo e morfológico evidenciado pelos quatro báculos do domínio atlântico ora estudados é condizente com realidade já identificada no respeitante a um conjunto peculiar de placas e xisto decoradas pertencentes a esta mesma região, indicando uma reinterpretação, por parte das populações ocidentais, das peças que lhes chegavam do interior alentejano, por via do comércio transregional (CARDOSO; MEDEIROS & MARTINS, 2018).

5 – DISCUSSÃO

Manuel Heleno tomou como critério determinante para a associação da peça da Lapa da Galinha por ele publicada à representação simbólica do machado o desenvolvimento ortogonal da “cabeça” relativamente ao “cabo”, que não se observa em mais nenhum exemplar, e também a secção do suposto gume, que seria semelhante à secção de um gume de machado de pedra polida, dos vários recolhidos na mesma necrópole, conforme procurou demonstrar no referido artigo (HELENO, 1942, Fig. 3).

Por outro lado, a antiguidade dos espólios associados a esta peça, fariam deste exemplar um modelo arcaico, de onde teriam evoluído os exemplares de contornos mais curvilíneos, considerados por Manuel Heleno mais modernos. Este raciocínio não deixa de ser sugestivo, recorrendo para o efeito o autor a dois exemplares, por ele exumados em dólmenes alentejanos e que corporizariam a referida evolução: um da Anta 4.^a dos Gualões (Arraiolos) e outro da Anta Grande da Lobeira de Baixo (Montemor-o-Novo) (Fig. 2). No entanto, este raciocínio tem fragilidades, desde logo sublinhadas por Georg e Vera Leisner, ainda que globalmente concordassem com a interpretação de Manuel Heleno relativamente às peças em causa corresponderem à representação simbólica do machado (LEISNER & LEISNER, 1951). Muito mais tarde, tal interpretação foi também seguida por O. da Veiga Ferreira (FERREIRA, 1985). As limitações a esta fundamentam-se no próprio exemplar em causa: por um lado, tratando-se de peça única, dificilmente se poderia considerar como protótipo

de uma qualquer evolução, susceptível de assumir natureza generalizada, com a agravante de ocorrer numa região geograficamente muito afastada do núcleo de dispersão destas peças (CARDOSO, 2021, Fig. 5), por conseguinte mais plausível de corresponder ao foco original das mesmas. Também o argumento cronológico não colhe porque, sendo os espólios associados a este exemplar predominantemente do Neolítico Final, nada sugere que o mesmo seja mais antigo que a generalidade dos seus homólogos, integráveis na mesma etapa cronológico-cultural.

Na procura do significado dos “báculos”, importa ter presente as informações fornecidas pela arte esquemática neolítica e calcolítica. Assim, em monumentos megalíticos foram identificadas representações insculptadas morfologicamente bem diferenciadas, tanto de machados como de “báculos”, tal qual se observa, com grande abundância, nos dólmenes da Bretanha (PÉQUART; PÉCQUART & Le ROUZIC, 1927), onde por vezes ocorrem, lado a lado, no mesmo painel insculptado, como é o caso de um dos esteios que integram o notável dólmen da Table des Marchands (op. cit. Table Pl. 41) (Fig. 11). Assim sendo, tudo indica que se tratam de duas representações de objectos distintos, sem esquecer, no entanto, que algumas insculpturas rupestres parecem associar simultaneamente a forma do machado encabado à de um cabo curvo, semelhante a báculo, cuja funcionalidade não é evidente, conforme se evidencia no dólmen de Soto e no de Alberite II (BARROSO-BERMEJO, 2021, Fig. 5.3) (Fig. 12).

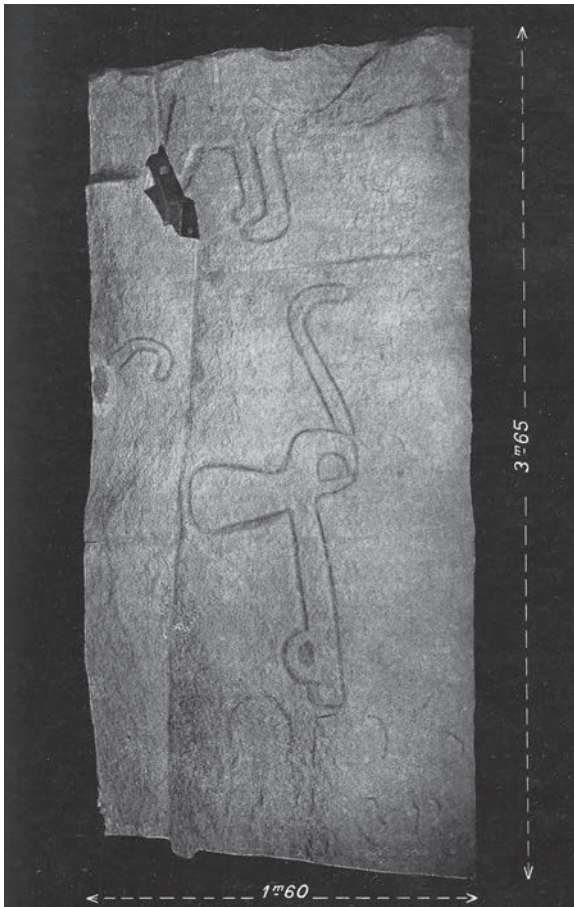


Fig. 11 – Representação de “báculos” e do machado encabado num dos ortóstatos do dólmen de Table des Marchands, Bretanha (PECQUART; PECQUART & Le ROUZIC, 1927, Pl. 41)



Fig. 12 – Representações de machados encabados em dólmenes peninsulares. Em cima: Dólmen de Soto. Em baixo: Dólmen de Alberite II (BARROSO-BERMEJO et al, 2021, Fig. 5.3, modificado).

Fica assim demonstrada a importância simbólica não só do machado, tão bem evidenciada na arte rupestre megalítica, para além de objectos de carácter simbólico, expressivamente corporizados pelas miniaturas em rochas raras, como a fibrolite, conhecidas no território português desde o Neolítico Antigo (LEITÃO; CARDOSO & MARTINS, 2021, Fig. 83, n.º 2) como também dos “báculos”. Os machados, ou as suas representações, simbolizariam a importância da economia agrária neolítica, visto estarem funcionalmente associados à desflorestação para a instalação de campos agrícolas, de cujo cultivo dependia cada vez mais a vida, sendo ao mesmo tempo símbolos de poder e domínio sobre a natureza e atributos relacionado com a fertilidade, princípio natural cada vez mais relacionado com a sobrevivência do grupo.

Já no respeitante ao significado dos “báculos”, as interpretações não são tão evidentes. Nalguns casos, as representações insculturadas ocorrem às dezenas, como as observadas no já mencionado dólmen bretão da Table des Marchands ((PÉQUART; PÉCQUART & Le ROUZIC, 1927, Pl. 39) (Fig. 13), em grupos organizados; noutros casos, surgem isoladas, como é o caso do pequeno “báculo” pintado a ocre vermelho no esteio de cabeceira do dólmen de Antelas, Oliveira de Frades (FERREIRA; VIANA & CASTRO, 1957, Fig. 4). Podem ainda assumir distribuição desorganizada, ocorrendo em recintos rituais, como é o caso do menir 57 do cromeleque dos Almendres, Évora (GOMES, 1994, Fig. 11) (Fig. 14). A conotação do “báculo” às forças da natureza

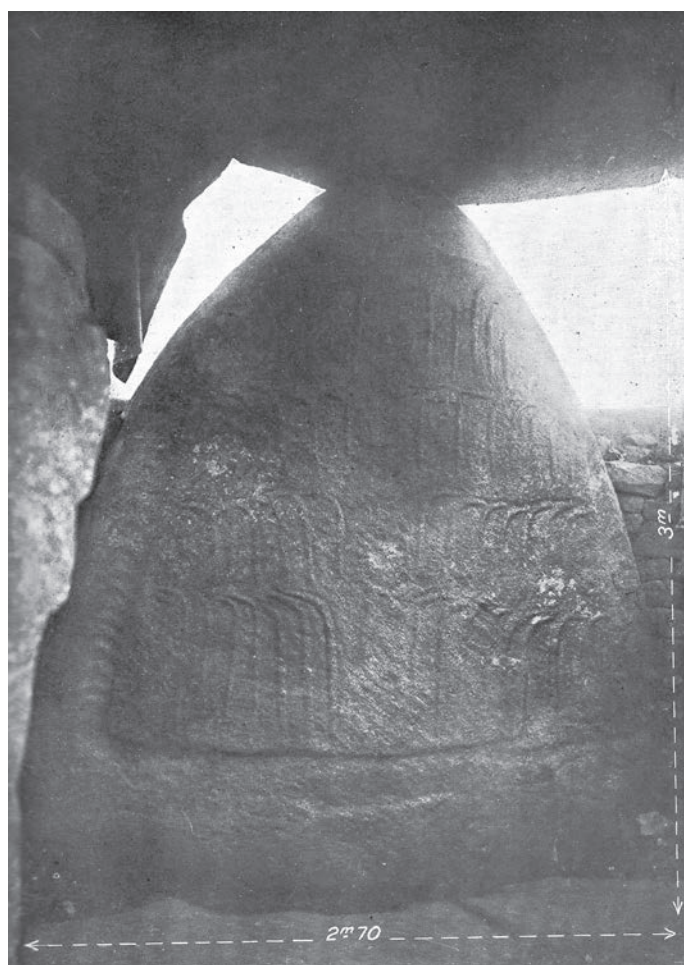


Fig. 13 – Esteio da cabeceira do dólmen de Table des Marchands, Bretanha, totalmente decorado com “báculos” (PECQUART; PECQUART & Le ROUZIC, 1927, Pl. 39).



Fig. 14 – Parte superior do menir 57 do cromeleque dos Almendres, Évora. (GOMES, 1994, Fig. 11). A largura na base mede 1,0 m.

encontra-se claramente expressa no menir da Bulhoa, Reguengos de Monsaraz (Fig. 15), onde se observa um báculo isolado, em baixo relevo, encimado pelo Sol, ao qual parece ligar-se por linhas onduladas, que podem representar a própria energia associada às duas representações. Esta associação encontra a sua expressão mais notável, no que respeita ao território português, na inscultura a picotado identificada na estação São Simão (Nisa), pertencente ao complexo de arte rupestre do Tejo, na qual os raios solares foram substituídos por um conjunto radiado destes corpos curvilíneos (GOMES, 2003, Fig. 184F) (Fig. 16), sem dúvida simbolizando a emanação da vida.

Deste modo, a associação do “báculo” à força regeneradora que gera a vida parece evidente, assim se explicando a sua ocorrência tanto em monumentos públicos, como s menires e cromeleques, relacionados com os cultos agrários, como em monumentos funerários, onde também estaria sempre presente o mesmo princípio vital e ao mesmo tempo regenerador.

Face ao exposto, os machados insculturados teriam uma simbologia próxima da dos “báculos”. No limite, ambas as representações poderiam reportar-se a um mesmo objecto – o machado – mas com graus de estilização distintos, não fossem as observações abaixo apresentadas, que inviabilizam esta hipótese.

As representações curvilíneas tanto as insculturadas, como as produzidas em placas de xisto de contorno recortado têm, de há muito, sido designadas por “báculos” palavra que evoca a sua forma encurvada, semelhante aos báculos episcopais, ou aos cajados dos pastores. Contudo, facilmente se conclui, pelos exemplares de xisto, que tal designação não lhes é adequada. Mesmo admitindo serem peças votivas que reproduziam artefactos simbólicos, utilizados em cerimónias da vida quotidiana, que, por serem eventualmente de madeira, não se conservaram, verifica-se que seriam manipuladas pela extremidade inferior, como tão bem evidencia o exemplar recolhido por Manuel Heleno na anta 4 da Herdade das Antas (Montemor-o-Novo) (Fig. 17, n.º 23). Com efeito, este exemplar, sem dúvida o mais notável de todos, possui um remate na extremidade inferior do chamado “cabo”, destinado a assegurar o seu empunhamento e manuseio, que não se confunde com o uso dado ao cajado ou ao báculo da actualidade, munido de um longo cabo que se apoia no chão. Estas seriam, ao contrário, peças tidas na mão. Considerando o facto de todos os exemplares alentejanos conhecidos, com excepção de um, possuírem apenas uma das faces decoradas, e tendo ainda em consideração a informação de Manuel Heleno de que na escavação da Anta Grande (ou Anta 2) da Lobeira de Baixo, Montemor-o-Novo se recolheu exemplar (Fig. 2, à direita; Fig. 17, n.º 22) apoiado no esterno do inumado e por ele empunhado (HELENO, 1942, p. 462), partindo do princípio que este era dextro, conclui-se, tendo também em consideração a orientação do remate patente no exemplar acima referido, que o gume útil, na hipótese



Fig. 15 – Menir da Belhóa, Reguengos de Monsaraz. (CARDOSO, 2002, Fig. 154).

destas peças reproduzirem artefactos funcionais, teria forçosamente de corresponder ao bordo longitudinal convexo, e não à extremidade distal, que seria a utilizada no caso de corresponderem à reprodução de machados, como admitiu Manuel Heleno. Esta evidência é condizente com a atribuição destas peças à reprodução de machetes (FERREIRA & LEITÃO, 1981) com base em exemplares de sílex conhecidos em contextos egípcios pré-dinásticos (Fig. 18), hipótese que foi ulteriormente admitida por outros (BRANDHERM, 1995). Estar-se-ia, pois, perante uma arma de grande eficácia, que poderia ser considerada como um símbolo de prestígio e de poder, só utilizada por alguns elementos da comunidade. Esta hipótese é corroborada pela escassez dos “báculos” em contextos funerários, mesmo nas regiões alentejanas de maior incidência, comparativamente à frequência das placas de xisto, suas congéneres, excepto na forma. A ser assim, os báculos seriam a reprodução de uma arma, só utilizada pelo segmento da sociedade de maior prestígio, e por isso reproduzida em oferenda funerária que acompanharia no túmulo apenas aqueles elementos, ao contrário das placas de xisto, que integravam os elementos da comunidade de menor prestígio social.

A referida interpretação funcional possui ainda outros argumentos a seu favor: é de reter a existência de um artefacto votivo de calcário proveniente de uma das grutas artificiais Carenque (HELENO, 1933, Fig. 19), que bem poderia corresponder à uma variante da representação do machete, munido no seu bordo cortante de lâminas de sílex, encastoadas no cabo de madeira (Fig. 19); com efeito, a representação destas lâminas ou pontas duras poderia corresponder ao friso de triângulos incisos, preenchidos interiormente, que acompanham o bordo convexo de muitos exemplares, explicitamente representados nos dois únicos exemplares conhecidos que possuem o bordo recortado: o já acima referido da Anta 4 da Herdade das Antas, a que se soma um outro exemplar, muito pouco conhecido, recolhido na anta a Oeste do Vale das Antas, Montemor-o-Novo (CARDOSO, 2021, Fig. 10, 1), visto ter sido até ao trabalho do autor de síntese sobre estes enigmáticos artefactos (CARDOSO, 2021, Fig. 10, n.º 1) ter sido apenas publicado por O. da Veiga Ferreira (FERREIRA, 1985).

6 – SÍNTESE CONCLUSIVA

Este estudo tomou como ponto de partida um “báculo” do Neolítico Final, de xisto, pertencente ao conjunto dos objectos ideotécnicos impropriamente assim designados. Recolhido antes, ou no decurso das escavações executadas em 1908 na Lapa da Galinha (Alcanena) por José de Almeida Carvalhais, funcionário do então Museu Etnológico Português, deu entrada no Museu de Santarém, tendo depois sido cedido, a título definitivo,



Fig. 16 – Insultura a picotado da estação rupestre de São Simão, Nisa (GOMES, 2003, Fig. 184 F).

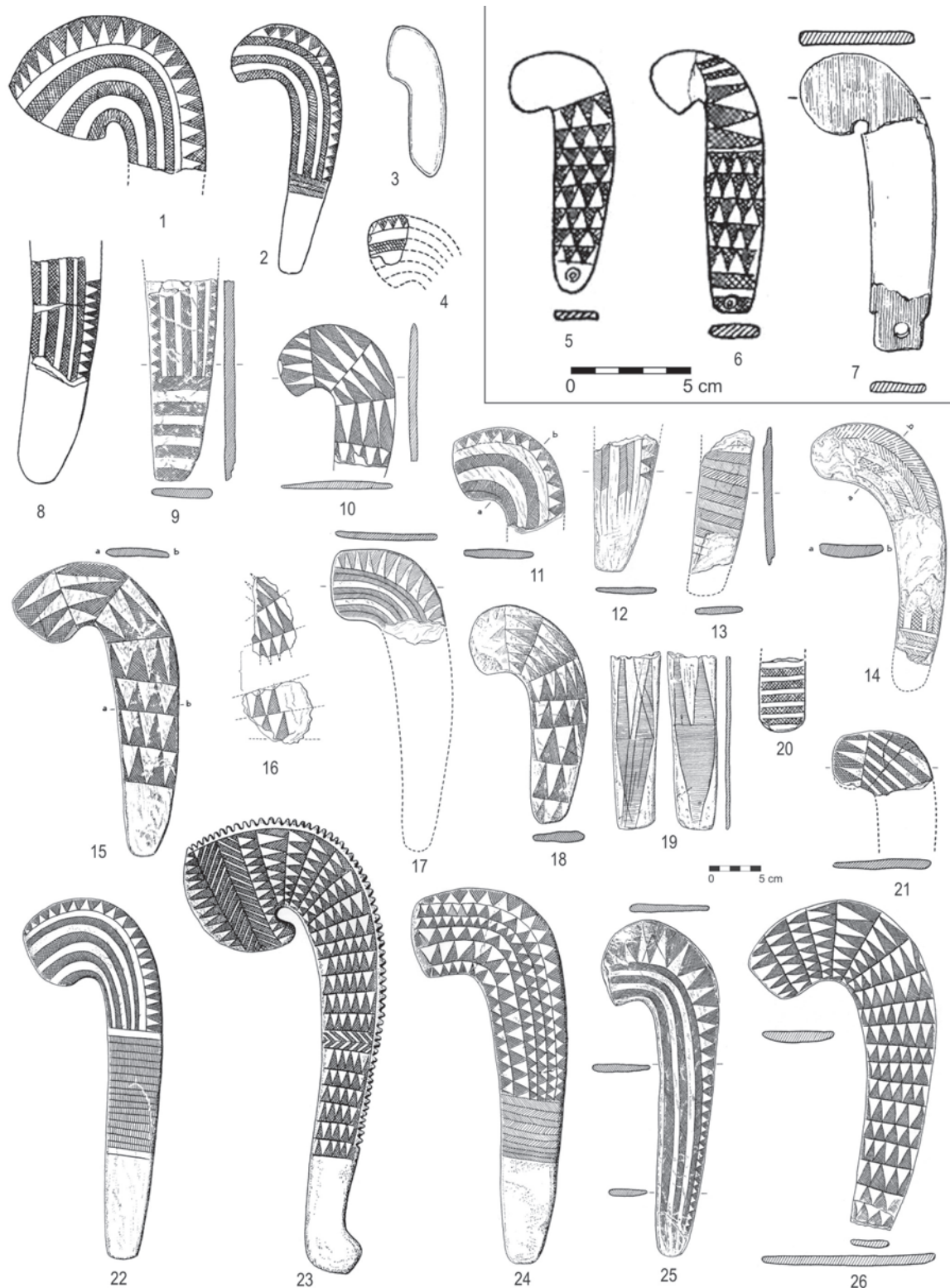


Fig. 17 - “Báculos” de xisto alentejanos (in LEISNER & LEISNER, 1959). 1 - Olival da Pega 1 (Tf. 40, 1); 2 - Olival da Pega 1 (Tf. 40, 1); 3 - Olival da Pega 1 (Tf. 40, 1); 4 - Anta 1 do Passo (Reguengos de Monsaraz, Évora), (Leisner & Leisner, 1959. Tafel 39, 4); 5 - Anta 1 do Passo (Tf. 39, 4); 6 - Anta 1 do Passo (Tf. 39, 4); 7 - Jazigo de Alcarapinha (Tf.11, 1, n.º 97); 8 - Cebolinho 1 (Tf. 39, 5); 9 - Anta da Velada (Tf. 28, 1, n.º 50); 10 - Anta da Cabeça (Tf. 3, 3, n.º 3); 11 - Anta Grande da Comenda da Igreja (Tf. 27, 1, n.º 80); 12 - Anta Grande da Comenda da Igreja (Tf. 27, 1, n.º 82); 13 - Anta Grande da Comenda da Igreja (Tf. 27, 1, n.º 81); 14 - Anta Grande da Comenda da Igreja (Tf. 27, 1, n.º 79); 15 - Martim Afonso (Tf. 44, 12, n.º 2); 16 - Vale de Rodrigo (Tf. 42, 1, n.º 31); 17 - Vale de Rodrigo (Tf. 42, 1, n.º 32); 18 - Boudanha (Tf. 8, 5, n.º 3); 19 - Horta Velha do Reguengo (Tf. 9, 6, n.º 18); 20 - Comenda 2 e *tholos* da Comenda (Tf. 39, 2); 21 - Caeira 7 (Tf. 30, 8, n.º 16); 22 - Anta Grande da Lobeira de Baixo (Tf. 29, n.º 25); 23 - Anta da Herdade das Antas (Tf. 29, n.º 26); 24 - Anta 1 ou Anta 4 dos Gualões (Tf. 29, n.º 27); 25 - Brissos 6 (Tf. 22, 1, n.º 34); 26 - Anta da Marquesa (Marvão, Portalegre), (Tf. 4, 5, n.º 12).

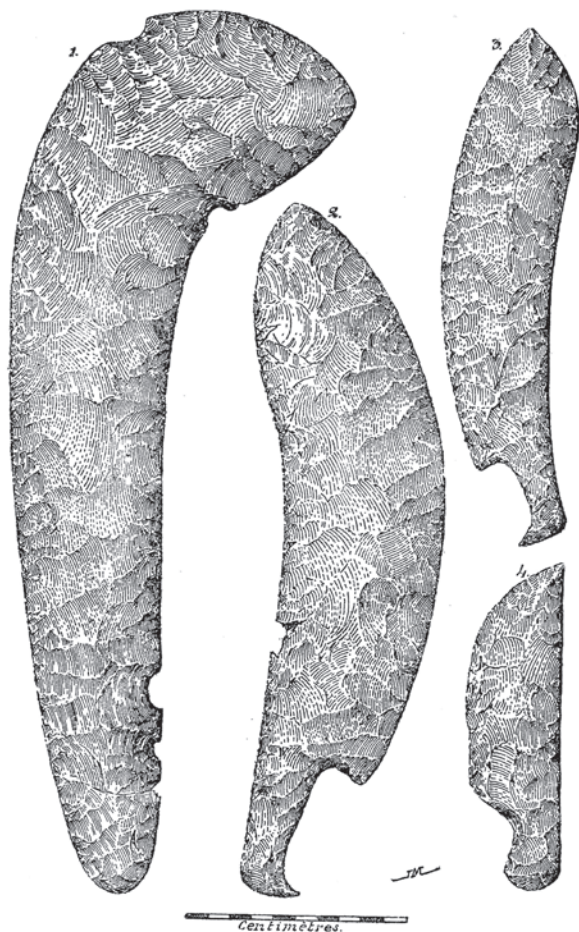


Fig. 18 - Machetes em pedra lascada bifaciais de Messawieh (MORGAN, 1926, Fig. 191).

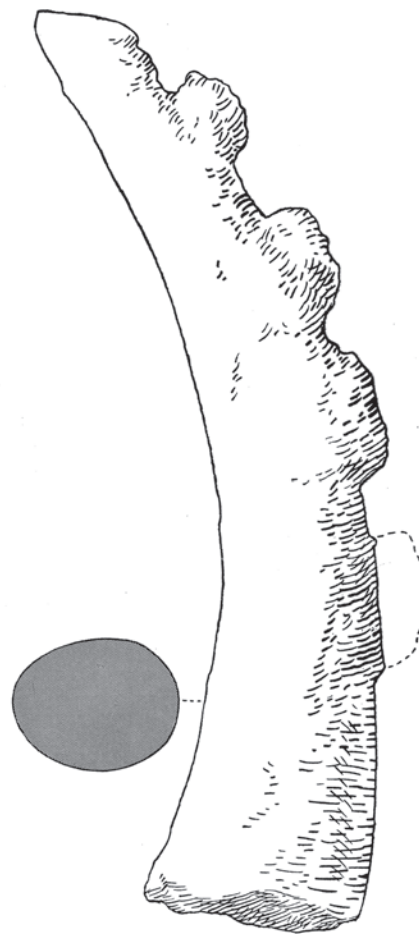


Fig. 19 - Peça votiva de calcário das grutas artificiais de Carenque, Amadora, representado possivelmente uma arma munida de lâminas de sílex engastadas no cabo de madeira. Comprimento - 26 cm (HELENO, 1933, Fig. 19).

ao Museu Nacional de Arqueologia, onde presentemente se encontra, a pedido do seu então Director, Manuel Heleno, autor do primeiro estudo que lhe foi dedicado.

À possibilidade de os “báculos” – que, por comodidade, e na ausência de uma alternativa consensual, poderão continuar a ser assim designados – representarem o machado encabado, conforme defendeu o referido autor, e uma vez apresentada esta a impossibilidade, por argumentos expostos neste estudo, avulta a hipótese de corresponderem à reprodução simbólica de uma arma ofensiva, representando o prestígio e o poder, cuja existência é provável no quadro de uma sociedade em fase acelerada de complexificação e de diferenciação social, na transição do 4.º para o 3.º milénio a.C.

Em qualquer caso, os “báculos”, tanto na forma de representações rupestres, sejam insculturadas, sejam pintadas, como em peças de contorno recortado, via de regra exemplares de xisto, podem corresponder a artefacto puramente simbólico, utilizado em cerimónias cultuais. Tais representações denunciam uma clara associação à vida e à força regeneradora a ela associada, como a fertilidade ou a fecundidade, estando presentes tanto em ambientes funerários, como rituais, onde aqueles princípios seriam cultuados. A presença de exemplares miniaturais, com furo de suspensão e desta forma utilizados como pendentis de significado apotropaico sublinham de forma expressiva a função associada a estas peças.

Os “báculos” de contorno recortado acantonam-se quase exclusivamente no território português sendo, por conseguinte, uma produção característica do megalitismo alentejano, de cronologia situável nas últimas centúrias do 4.º milénio a.C., com prolongamento pelos primórdios do milénio seguinte. Os exemplares compulsados em domínio atlântico, corroboram a sua origem alentejana, tendo sido objecto de reinterpretação iconográfica produzida localmente, exceptuando, precisamente, o exemplar da Lapa da Galinha que, tanto pela morfologia, como pela forma, sugere uma produção própria da região onde foi encontrado: daí o seu interesse, que esteve na origem deste contributo.

AGRADECIMENTOS

Ao Dr. António Matias, da Câmara Municipal de Santarém, por ter prontamente acedido ao pedido fotografar e desenhar o fragmento de báculo da Lapa da Galinha ali existente, devendo-se este último ao Mestre Filipe Martins.

Ao Prof. Doutor Martinho Vicente Rodrigues pelo acolhimento amigo que me dispensou em Santarém, para proferir conferência, no dia 13 de Janeiro de 2022, na qual se inspirou o estudo ora publicado.

Ao Doutor António Valera por ter cedido a imagem do “báculo” de marfim dos Perdigões, agora reproduzida.

REFERÊNCIAS

- BARROSO-BERMEJO, R.; BUENO-RAMÍREZ, P. & BALBÍN-BEHRMANN, R. (2021) – Megaliths and weapon representations: a view of the birth of Iberian warrior images. In Bettencourt, A. M. S.; Santos-Estévez, M. & Sampaio, H. A. (ed.), *Weapons and tools in rock art a word perspective*. Oxford & Philadelphia: Oxbowbooks, p. 87-102.
- BRANDHERM, D. (1995) – Os chamados “báculos” – para uma interpretação simbólico-funcional”. *1.º Congresso de Arqueologia Peninsular (Porto, 1993)*. Actas. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 1, p. 89-94.
- CARDOSO, J. L. (2002) – *Pré-História de Portugal*. Lisboa: Verbo.
- CARDOSO, J. L. (2003) – A gruta do Correio-Mor (Loures). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 11, p. 229-321.
- CARDOSO, J. L. (2021) – Os “báculos” das sociedades agropastoris do sul do território português (último quartel do 4.º milénio/inícios do 3.º milénio a.C.). In P. Bueno Ramírez & Jorge A. Soler Díaz (coord. cient.), *Ídolos Olhares milenares. O estado da arte em Portugal*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia/Imprensa Nacional, p. 171-199.
- CARDOSO, J. L.; MEDEIROS, S. & MARTINS, F. (2018) – 150 anos depois: uma rara placa de xisto decorada encontrada na gruta da Casa da Moura (Óbidos). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 21, p. 57-69.
- CARREIRA, J. R. & CARDOSO, J. L. (2001/2002) – A gruta da Casa da Moura (Cesareda, Óbidos) e sua ocupação pós-paleolítica. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 10, p. 249-361.
- COITO, L. C.; CARDOSO, J. L. & MARTINS, A. C. (2008) – *José Leite de Vasconcelos. Fotobiografia*. Museu Nacional de Arqueologia/Editorial Verbo.
- CORRÊA, A. A. Mendes (1928) – Nouveaux documents sur l’art préhistorique en Portugal”. *Révue Anthropologique*. Paris. 4/6, p. 169-176.
- FERREIRA, O. da VEIGA (1985) – Acerca dos enigmáticos “báculos” da cultura megalítica do Alto Alentejo”. *Arqueologia*. Porto. 12, p. 86-93.

- FERREIRA, O. da VEIGA & LEITÃO, M. (1981) – *Portugal pré-histórico seu enquadramento no Mediterrâneo*. Mem-Martins: Publicações Europa-América.
- FERREIRA, O. da Veiga; CASTRO, L. A. & VIANA, A. (1957) – O dólmen pintado de Antelas (Oliveira de Frades). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 38 (2), p. 325-346.
- GOMES, M. Varela (1994) – Menires e cromeleques no complexo cultural megalítico português – trabalhos recentes estado da questão. *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 2, p. 317-342.
- GOMES, M. Varela (2003) – *Cromeleque dos Almendres – um monumento sócio-religioso neolítico. Relatório policopiado apresentado no âmbito das provas públicas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade Nova de Lisboa.
- GONÇALVES, V. S.; ANDRADE, M. A. & PEREIRA, A. (2014) – As placas votivas (e o báculo) da Lapa da Galinha, na primeira metade do 3.º milénio a.n.e. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 21, p. 109-158.
- HELENO, M. (1933) – *Grutas artificiais do Tojal de Vila Chá (Carenque)*. Lisboa: Tipografia da Empresa do Anuário Comercial.
- HELENO, M. (1942) – O culto do machado no Calcolítico português. *Ethnos*. Lisboa. 2, p. 461-464.
- KALKER, D. S. (2020) – *Revisitar a Lapa da Galinha (Alcanena, Santarém): as práticas funerárias no Maciço Calcário Estremenho (4.º e 3.º milénios a.n.e.)*. Dissertação de mestrado em Arqueologia. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- LEISNER, G. & LEISNER, V. (1943) – *Die Megalithgräber dr Iberischen Halbinsel. Erster Teil: Der Süden*. Berlin: Walther de Gruyter & Co. (Römisch-Germanische Forschungen Band 17).
- LEISNER, G. & LEISNER, V. (1951) – *Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: Instituto para a Alta Cultura.
- LEISNER, G. & LEISNER, V. (1959) – *Die Megalithgräber dr Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Berlin: Walther de Gruyter & Co. (MadriderForschungen Band 1/2).
- LILLIOS, K. (2008) – *Heraldry for the Dead*. Austin: University of Texas Press.
- MANUPELLA, G.; BARBOSA, B.; AZERÊDO, A. C.; CARVALHO, J.; CRISPIM, J.; MACHADO, S. & SAMPAIO, J. (2006) – Carta Geológica de Portugal na escala de 1/50 000. *Notícia explicativa da folha 27-C (Torres Novas)*. Lisboa: Instituto Nacional de Engenharia, Tecnologia e Inovação.
- MORGAN, J. de (1926) – *La Préhistoire orientale*. 2. Paris : Paul Geuthner.
- PÉQUART, M; PÉQUART, S.-J. & Le ROUZIC, Z. (1927) – *Corpus des signes graves des monuments mégalithiques du Morbihan*. Paris : Picard.
- PEREIRA, F. A. (1908) – Chronica. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 13, p. 382-384.
- SÁ, M. C. M. (1959) – A Lapa da Galinha. *1.º Congresso Nacional de Arqueologia (Lisboa, 1958)*. Actas. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1, p. 117-128.
- SPINDLER, K. (1981) – *Cova da Moura*. Mainz am Rhein: Verlag Philipp von Zabern (Madrider Beiträge Band 7).
- TORRES, J. A. (1909) – Archeologia portuguesa. *A Ilustração Portuguesa*. Lisboa. 174, p. 789-794.
- VALERA, A. C. (2020) – Interação e recursos exóticos na Pré-História Recente: a circulação e consumo de marfim em Portugal”. In Vilaça, R. & Aguiar, R. S. (coords.), *(I) mobilidades, recursos, objectos, sítios e territórios*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, p. 135-181.
- VICENTE, E. P.; ANDRADE, G. M. & DIAS, V. M. R. (1974) – Uma jazida pré-histórica no vale do Sorraia. *3.º Congresso Nacional de Arqueologia (Porto, 1973)*. Actas. Lisboa: Junta Nacional da Educação, 1, p. 191-204.